

*Curai enfermos, erguei mortos,
purificai leprosos, expulsai daimones; de
graça recebestes, de graça dai.*

Mateus
10:8

Ante a mediunidade

Mediunidade na bênção do auxílio é semelhante à luz em louvor do bem.

Toda luz é providencial.

Toda mediunidade é importante.

Reflitamos na divina missão da luz, a expressar-se de maneiras diversas.

Temo-la no alto de torres, mostrando rota segura aos navegantes; nos postes da via pública, a benefício de todos; no recinto doméstico, em uso particular; nos sinais de trânsito, evitando desastres; nos educandários garantindo a instrução; nas enfermarias em socorro aos doentes; nas lanternas humildes, que ajudam o viajor, à distância do lar; nas câmaras do subsolo

alentando o operário suarento, na conquista do pão...

Todo núcleo de energia luminosa se caracteriza por utilidade específica.

Nenhum deles ineficiente, nenhum desprezível.

A vela bruxuleante que salva um barco, posto à matroca¹, é tão indispensável quanto o lustre aristocrático que se erige na escola, no amparo às inteligências transviadas na ignorância.

A candeia frágil que indica as letras de um livro, numa choça esquecida no campo, é irmã do foco vigoroso que assegura o êxito do salão cultural.

No que tange à luz, o espetáculo é acessório.

Vale o proveito.

Em matéria de mediunidade, o fenômeno é suplemento.

Importa o serviço.

Em qualquer tarefa das boas obras,

deixa, pois, que a mediunidade te brilhe nas mãos.

Entre a lâmpada apagada e a força das trevas, não há diferença.

(*Livro da esperança*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 87)

Acendamos a luz da vida

“Ressuscitai os mortos” – disse-nos o Senhor – mas se é verdade que não podemos ordenar a um cadáver se levante, é justo tentemos o reavivamento daqueles que nos acompanham, muitas vezes, mortificados pela dor ou necrosados pela indiferença.

Não nos esqueçamos.

Os verdadeiros mortos estão sepultados na carne terrestre.

Alguns permanecem no inferno do remorso ou do sofrimento criados por eles mesmos, acreditando-se relegados a supremo abandono; outros jazem no

purgatório da aflição a que se arrojaram, desprevenidos, em dolorosas súplicas de auxílio; e ainda outros repousam, inadvertidamente, em supostos céus de adoração religiosa, que, em muitos casos, são simples faixas de ociosidade mental.

Aguçai a visão e observemos a infortunada caravana de fantasmas que seguem, vacilantes e enganados, dentro da vida.

Há quem morreu sufocado em orgulho vâo, no mausoléu da vaidade infeliz.

Há quem permaneça cadaverizado em sepulcro de ouro, incapaz de um simples olhar à plena luz.

Há mortos que vos partilham o pão cotidiano, no túmulo das terríveis ilusões que lhes anulam a existência e há corações paralíticos no catre da crueldade e da incompreensão que nos armam ciladas de angústia, a cada passo, para os quais se faz imprescindível a assistência de nossa devação fraternal infatigável.

Se Cristo penetrou o templo de

vossa alma, auxiliemo-los na necessária ressurreição.

Acendamos a luz da vida.

Trabalhemos no bem, enriquecendo as horas da peregrinação terrena com os melhores testemunhos de nossa boa vontade para com os semelhantes em nome do Mestre da Redenção, para quem

o nosso espírito já se inclina, à maneira da planta à procura do sol, de vez que somente irradiando a luz do Amor infinito conseguiremos aniquilar e vencer, na Terra, as densas trevas da morte.

(Servidores no além. Ed. IDE. Cap. 18)